

## THE WOLF OF WALL STREET / 2013

O Lobo de Wall Street

Um filme de **Martin Scorsese**

**Realização:** Martin Scorsese / **Assistente de Realização:** Francisco Ortiz, Adam Somner / **Argumento:** Terence Winter, baseado no livro de Jordan Belfort / **Direção de Fotografia:** Rodrigo Prieto / **Motagem:** Thelma Schoonmaker / **Direção de Arte:** Chris Shriver, Dave Asling, Jonathan Arkin, John Pollard, W. Steven Graham, David Meyer / **Design de Produção:** Bob Shaw / **Cenários:** Ellen Christiansen, Damon Hahn, Patrice Canfield Longo, Brian Jones / **Figurino:** Denise Andres / **Casting:** Ellen Lewis, Matthew Maisto, Allison Hall, Meghan Rafferty / **Iluminação:** Harry Pray IV / **Camara:** Maceo Bishop / **Efeitos Especiais:** Chuck Khoury, Richard Stutsman, Joe Montenegro, R. Bruce Steinheimer, Andrew Mortelliti / **Efeitos Visuais:** Charlene Eberle Douglas, Joe Farrell, Richard Friedlander, Glenn Allen, Paul Graff, Eran Dinur, etc. / **Coreografia:** Michael Arnold / **Som:** Eugene Gearty, Marko Costanzo, George A. Lara, Tom Fleischman, Philip Stockton, Kam Chan, Marissa Littlefield, Heather Gross, Jamie Baker, Frank Kern, James Sabat / **Interpretação:** Leonardo DiCaprio, Jonah Hill, Margot Robbie, Matthew McConaughey, Kyle Chandler, Rob Reiner, Jon Bernthal, Jon Favreau, Jean Dujardin, Joanna Lumley, Cristin Milioti, Christine Ebersole, Shea Whigham, Katarina Čas, P.J. Byrne, Kenneth Choi, Brian Sacca, Henry Zebrowski, Ethan Suplee, Barry Rothbart, Jake Hoffman, Mackenzie Meehan, Bo Dietl, Jon Spinogatti, Aya Cash, Rizwan Manji, Stephanie Kurtzuba, J.C. MacKenzie, Ashlie Atkinson, etc.

**Produção:** Paramount Pictures, Red Granite Pictures, Appian Way, Sikelia Productions, EMJAG Productions / **Produtores:** Riza Aziz, Joey McFarland, Emma Tillinger Koskoff, Martin Scorsese, Leonardo DiCaprio, Ted Griffin, Richard Baratta, Marianne Bower, Adam Somner / **Cópia:** ANIM, 35 mm, cor, legendado em português / **Duração:** 179 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, 9 de Dezembro de 2013 / **Estreia em Portugal:** 9 de Janeiro de 2014 / Primeira exibição na Cinemateca.

---

Quando **The Wolf of Wall Street** estreou, em 2013, a crise financeira de 2008 ainda estava suficientemente próxima para que a história de Jordan Belfort pudesse ser vista como o retrato extremo de uma cultura financeira que a própria crise teria deixado para trás. Não faltaram relatos disso mesmo. A exuberância, a impunidade e a celebração da especulação pertenciam a uma Wall Street que já não existia - ou que, pelo menos, já não podia exibir-se nos mesmos moldes. Se alguma coisa mudou, entretanto, foi menos a natureza da alta finança do que o lugar onde reconhecemos a lógica de Belfort. A sua história tem hoje muito menos de excepcional, não porque tenha deixado de ser impressionante, mas porque a lógica que a sustenta se disseminou. A transformação da confiança, da personalidade e da promessa de riqueza em mercadoria são hoje o pão nosso de cada dia.

O dinheiro - mais do que nunca - não é um fim - antes fosse. É matéria de desejo, através da qual se fabrica uma identidade, uma hierarquia e se arma um espetáculo. Esse desejo é cultivado nos outros - sobretudo nos mais vulneráveis - e à custa deles se enriquece. “*Selling garbage to garbage men*”, a fórmula que condensa não apenas uma prática comercial, mas uma economia afetiva em que o objeto vendido é indiferente e o que verdadeiramente se transaciona é a própria disposição para desejar.

A música que Hanna produz com o peito, numa das mais memoráveis cenas do filme, não é apenas uma excentricidade. Dá o tom ao filme inteiro. Belfort aprende que vender não consiste apenas em transmitir informação, mas em produzir um estado de espírito. Hanna, enquanto

mentor, diz-lhe exactamente aquilo que queria ouvir e entrega-lhe todo um sistema de valores: o mercado como jogo, o dinheiro como vício, a sexualidade como extensão do poder e o trabalho como uma espécie de ritual diário de excitação. Mais do que ensinar-lhe a vender acções, ensina-o a vender o próprio desejo de riqueza - e é nessa operação que vender uma coisa e vender a própria imagem se tornam, cada vez mais, indistinguíveis.

Scorsese conhece bem este território. Desde **Mean Streets** e **Taxi Driver** aos **Goodfellas** e **Casino**, o seu cinema acompanha homens que confundem desejo com destino e poder com liberdade. São personagens que querem mais, que querem tudo e que não reconhecem qualquer limite exterior capaz de conter a sua vontade. Mas há no **Lobo** uma diferença decisiva. Belfort não quer apenas possuir o mundo, quer convencer-nos de que a sua maneira de o possuir, porque precisa de nós para o fazer. A sua soberania é, desde o início, dependente do olhar alheio.

DiCaprio percebe isso e faz da própria personagem uma máquina de venda ao espectador. Belfort narra a própria história enquanto a vive, interrompe a ação para falar directamente connosco e explica-nos aquilo que estamos a ver. O ator não parece tanto interpretar Belfort como passar três horas a vendê-lo. A personagem está simultaneamente dentro e fora da sua própria vida, espectador e protagonista do espectáculo que construiu. Max Nelson identificou precisamente nesta dimensão performativa, num texto para a *Film Comment*, uma das chaves do filme, aproximando-o tanto das grandes narrativas criminais de Scorsese como dos seus filmes sobre o espectáculo e a relação entre quem actua e quem observa. A famosa sequência em que Belfort discursa perante os empregados transforma o escritório num espaço de culto e o vendedor num *showman*. O dinheiro fornece o assunto, mas o verdadeiro produto é a energia repare-se, aliás, na cena em que Steve Madden apresenta o seu produto e a matilha de corretores não poderia querer saber menos do que iria vender, só se acalmando com a chegada da figura *Alpha* (male?).

Esta é uma das grandes ambiguidades de **O Lobo de Wall Street**. A crítica contemporânea dividiu-se precisamente sobre ela. A energia jubilatória com que Scorsese filma dinheiro, drogas, sexo e poder pode tornar o filme cúmplice daquilo que parece denunciar - mas essa é também uma das suas principais armas. Não é preciso aprovar Belfort para nos deixarmos colocar dentro da sua perspectiva. A sua capacidade de seduzir torna-se inseparável da nossa própria experiência enquanto espectadores. Esta dualidade não é um problema, mas talvez a própria condição de complexidade do filme. Um tom puramente condenatório seria, aliás, contrário àquilo que o filme compreende sobre Belfort. Ele teve a oportunidade de sair e não o fez porque, sem aquilo, não é ninguém. É porque compreende o risco que este o transforma em prazer, a antecipação da queda faz parte da excitação da ascensão e a humilhação está já contida no triunfo.

É essa mesma lógica que torna a cena do barco com o agente do FBI particularmente interessante - e talvez a melhor do filme. Belfort tenta aplicar ao agente a única linguagem que conhece, a da sedução. O agente recusa. Mas Scorsese não o transforma simplesmente no representante incorruptível de uma moral superior; vai ao ponto de o fazer duvidar das suas próprias convicções - como quando, no metro, olha em volta. O que está em jogo entre os dois homens continua a ser poder - o agente está ansioso por o deitar abaixo. Ambos compreendem a linguagem da força, apenas obedecem a códigos diferentes. Como tantas vezes no cinema de Scorsese, homens que aparentemente ocupam lados opostos de uma ordem moral partilham uma mesma compreensão visceral daquilo que significa exercer poder - e é precisamente por isso que a recusa do agente nunca chega a ser uma verdadeira alternativa.

Tiago Leonardo